

NOVAS HISTÓRIAS E POSSIBILIDADES DE EXISTIR: a relação entre o audiovisual e a construção da consciência negra¹

NEW STORIES AND POSSIBILITIES OF EXISTENCE: the relationship between audiovisual and the construction of black consciousness

Luana Nascimento de Almeida²
Sara Viana Sobreira Bezerra³

Resumo: Este artigo visa a investigar a relação entre o audiovisual e a negritude. Dessa forma, foi apresentado de que maneira o cinema se configura como uma indústria cultural reprodutora de racismo, bem como os prejuízos psicológicos gerados na população negra brasileira a partir dessa estrutura. Além disso, foi evidenciado como as produções audiovisuais alternativas e inclusivas têm aumentado e ganhado visibilidade por meio das mídias digitais, como, por exemplo, os curtas-metragens *O papel e o mar*, *Cores e botas*, *KBELA* e *Hair Love*. As obras e suas repercussões foram utilizadas como base para exemplificar a relevância de filmes que destacam e empoderam a cultura e história negras, de forma a fortalecer o psicológico desta população, o movimento negro e suas pautas, especialmente a desalienação e a construção de uma consciência negra.

Palavras-Chave: Audiovisual. Racismo. Consciência Negra.

Abstract: This article aims to investigate the relationship between the audiovisual sector and blackness. Thus, it gives an overview of how cinema is configured as a cultural industry that reproduces racism, as well as the psychological losses generated in the black Brazilian population from this structure. In addition, it shows how alternative and inclusive audiovisual productions have increased and gained visibility through digital media, such as, for example, the short films *O papel e o mar*; *Cores e botas*; *KBELA*; and *Hair Love*. These works and their repercussions were used as a basis to exemplify the relevance of films that highlight and empower black culture and history, in order to strengthen the psychological state of this population, the

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Mídia, Gênero e Raça da 9ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (9ª COMPOLÍTICA), realizado em formato remoto, de 24 a 28 de maio de 2021.

²Jornalista, mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Atua no campo de comunicação e direitos humanos. Coordenadora de comunicação da Artigo19, organização internacional que promove a defesa da liberdade de expressão e acesso à informação. comunicacao.luana@gmail.com

³Graduanda do 6º semestre do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda na Universidade de Brasília. Integrante do projeto de pesquisa AMAZÔNIA: Visualidade Gráfica, Poética e Imaginário. saravianapro@gmail.com

black movement and its guidelines, especially the de-alienation and the construction of a black consciousness.

Keywords: *Audiovisual. Racism. Black consciousness.*

1. Contextualização

O audiovisual é um campo de extrema importância para a representação da população negra, tendo em vista que, politicamente, vem se reivindicando uma maior pluralidade na construção de novas narrativas negras.

Contudo, o alto custo para se produzir cinema é um entrave dentro desse processo. Tanto a produção quanto a distribuição dos filmes são caras, o que faz com que sempre os mesmos grupos acessem os recursos privados e públicos para produção audiovisual. Nesse sentido, no Brasil, a maioria dos cineastas e produtores negros enfrentam dificuldades em acessar recursos para produzirem audiovisual negro. Com o advento da internet, porém, o processo de distribuição dos filmes tem sofrido impacto, migrando das salas de cinema para o YouTube e plataformas de *streaming*.

Nos últimos anos, cada vez mais filmes foram produzidos e lançados em plataformas como a Netflix, por exemplo, não sendo veiculados nos cinemas comerciais. Essa lógica só foi possível devido à internet, que se consolida cada vez mais como um espaço de trocas de informações, conhecimentos, histórias, experiências e vivências.

Em 2020, com a pandemia do Covid-19 e o contexto de isolamento e distanciamento social, essas conexões se concretizaram de forma ainda mais intensa e acelerada.

As denominadas TICs, tecnologias da informação e comunicação, envolvem a sociedade profundamente e se tornam essenciais no cotidiano. Uma pesquisa realizada pela agência *We Are Social*, em parceria com a ferramenta *Hootsuite*, intitulada *Global Digital Overview 2020*, afirma que os brasileiros passam, em média,

3 horas e 31 minutos nas redes sociais diariamente⁴. Segundo pesquisa do Centro de Tecnologia de Informação Aplicada da Fundação Getúlio Vargas (FGV)⁵, havia 234 milhões de *smartphones* no Brasil em junho de 2020. Somado com os *notebooks* e *tablets*, o número salta para 342 milhões de dispositivos móveis.

Portanto, há uma transformação digital em desenvolvimento no país e isso fica evidenciado pelo número de dispositivos móveis que existem e o consumo das mídias digitais, exemplos de tecnologias de informação e comunicação, que exercem influência na construção do pensamento, consumo, olhar da sociedade e da cultura brasileira. Nesse sentido, Santaella descreve:

Já está se tornando lugar-comum afirmar que as novas tecnologias da informação e comunicação estão mudando não apenas as formas do entretenimento e do lazer, mas potencialmente todas as esferas da sociedade: o trabalho (robótica e tecnologias para escritórios), gerenciamento político, atividades militares e policiais (a guerra eletrônica), consumo (transferência de fundos eletrônicos), comunicação e educação (aprendizagem a distância), enfim, estão mudando toda a cultura em geral. (SANTAELLA, 2003, p.1)

Se a internet e as TICS influenciaram no processo de produção audiovisual negra, em 2020, há um outro impacto que se soma ao contexto da pandemia: o assassinato de George Floyd.

O recrudescimento do debate racial emerge em decorrência da asfixia que o policial branco Derek Chauvin cometeu no pescoço de George Floyd, por 9 minutos, em maio do mesmo ano na cidade de Minneapolis, nos Estados Unidos, o que provocou a morte de Floyd.

Sua morte desencadeou protestos mundiais dentro do *Black Lives Matter*⁶. O movimento foi criado em 2013 após a absolvição do vigilante George Zimmerman, que assassinou o jovem Trayvon Martin, na Flórida. Naquele ano, três ativistas negras – Alicia Garza, Patrisse Cullors e Opal Tometi – começaram a fazer ações nas redes sociais contra os abusos policiais que vitimizam pessoas negras. Desde 2014, com a

⁴Disponível em: <https://www.agenciavisia.com.br/news/brasileiro-fica-3-horas-e-31-minutos-por-dia-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 1º dez. 2020.

⁵Disponível em: <https://eaesp.fgv.br/producao-intelectual/pesquisa-anual-uso-ti>. Acesso em: 28 abr. 2021.

⁶Disponível em: <https://blacklivesmatter.com/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

morte do jovem Michael Brown, em Ferguson, Estados Unidos, a internet e as redes sociais se tornaram um espaço de potência e visibilidade para denúncia, seguida, logo depois, de manifestações e ocupação das ruas, denunciando a violência policial e reiterando que “vidas negras importam”.

Ou seja, as mídias digitais têm ocupado um lugar que antes era absorvido pela esfera pública, como afirma Habermas (1984), compreendendo-a como um espaço onde os cidadãos dão voz aos problemas da sociedade e reivindicam soluções perante o Estado. No espaço digital, pessoas e demandas ganham visibilidade e, diversas vezes, impactam a agenda midiática a partir das transformações digitais.

Dessa forma, a proposta central deste artigo é analisar como quatro curtas-metragens que abordam questões relacionadas à temática racial geram impacto nas pessoas que tiveram acesso aos filmes, por meio do YouTube, e de que maneira elas reagiram e perceberam as narrativas criadas por estas obras.

O artigo discorre sobre os curtas nacionais *O papel e o mar*⁷, *Cores e botas*⁸ e *KBELA*⁹, e o curta estadunidense *Hair love*¹⁰. O objetivo é compreender como essas produções, ao serem veiculadas de forma gratuita na internet, colaboram com a construção de uma autoestima da população negra, sendo um instrumento para visibilidade, representatividade e valorização da estética negra e para o enaltecimento e o fortalecimento desta comunidade na construção de uma consciência negra.

2. A experiência de ser negro: os impactos do racismo na estrutura social e no audiovisual brasileiro

A pesquisa de Diversidade de Gênero e Raça da Ancine, Agência Nacional do Cinema¹¹, revela as desigualdades ainda vigentes no cinema brasileiro: em 75,3% dos longas-metragens nacionais, os negros são, no máximo, 20% do elenco. Os homens

⁷Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=73cWnIOfZXM>. Acesso em: 17 dez. 2020

⁸Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LI8EYEyqU0o&t=2s>. Acesso em: 31 jan. 2021

⁹Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LGNln5v-3cE&t=1164s>. Acesso em: 31 jan. 2021

¹⁰Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kNw8V_Fkw28&t=2s. Acesso em: 31 jan. 2021

¹¹Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/02/21/interna_diversao_arte.661107/pesquisa-ancine.shtml. Acesso em: 4 dez. 2020.

brancos dominam o cinema nacional, enquanto os grupos de mulheres e negros seguem sendo sub-representados. De Carvalho aponta:

Se algo caracteriza a nossa era, em todo o planeta, é a presença do racismo fenotípico intenso. Os seres humanos que classificamos como caucasianos, isto é, de pele clara, olhos claros, cabelos lisos e narizes finos – enfim, os “brancos” ocidentais, europeus em geral e muito particularmente os anglo-saxões – definiram um padrão de valor e beleza para toda a espécie humana e o impuseram (antes a ferro e fogo e atualmente através da indústria cultural e do controle político e financeiro) a todo o resto do mundo (DE CARVALHO, 2020, p.1)

Compreende-se por racismo um sistema de hierarquias de raças criado a partir do século XV, no processo de colonização das Américas. Conforme afirma Quijano (2005), o racismo surge em decorrência de novas identidades históricas produzidas sobre a ideia de raça e que foram associadas à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura global.

A formação de relações sociais fundadas nessa ideia produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. Assim, termos como espanhol e português, e mais tarde europeu, que até então indicavam apenas procedência geográfica ou país de origem, desde então adquiriram também, em relação às novas identidades, uma conotação racial. E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população. (QUIJANO, Aníbal, 2005, p. 202)

O racismo começa no século XV e vai se aperfeiçoando e adaptando conforme o desenrolar do tempo. No Brasil, último país das Américas¹² a abolir a escravidão, o racismo estrutura toda a sociedade, fato que fica visível ao se analisar os indicadores socioeconômicos da população negra.

Segundo a Pesquisa Desigualdades por Cor e Raça no Brasil¹³, divulgada em 2019, da população economicamente ativa, 57,7 milhões eram pessoas negras. Entretanto, aproximadamente dois terços dessa população estava desocupada (64,2%) ou subutilizada (66,1%) na força de trabalho em 2018. A

¹² Disponível em: [https://www.infoescola.com/historia/cronologia-da-abolicao-da-escravidao-no-mundo/#:~:text=Em%201863%20o%20imp%C3%A9rio%20Colonial,Seguiu%20a%20Tun%C3%ADsia%20\(1890\).](https://www.infoescola.com/historia/cronologia-da-abolicao-da-escravidao-no-mundo/#:~:text=Em%201863%20o%20imp%C3%A9rio%20Colonial,Seguiu%20a%20Tun%C3%ADsia%20(1890).) Acesso em: 3 maio 2021.

¹³ Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em 28 abr. 2021.

renda média de uma pessoa negra é quase metade do faturamento de uma pessoa branca: R\$ 934 em relação a R\$ 1.846.

O racismo se manifesta por meio da linguagem: ofensas acerca do cabelo, da tonalidade da pele e do tamanho do nariz. Também se apresenta por meio de papéis sociais do trabalho: a empregada doméstica, a cozinheira e a copeira. Esses são trabalhos executados majoritariamente por mulheres negras que ocupam a cozinha e dormem no quarto da empregada, o que simboliza a herança escravocrata do Brasil Colônia e Império até os dias de hoje.

Similarmente, o racismo se revela por meio de representações simbólicas. Na política, por exemplo, há uma sub-representação da população negra na Câmara dos Deputados, nas Assembleias Legislativas estaduais e nas Câmaras de Vereadores. Apesar de constituir 55,8% da população, esse grupo representa 24,4% dos deputados federais e 28,9% dos deputados estaduais eleitos em 2018, e por 42,1% dos vereadores eleitos em 2016 no país.¹⁴

Outra estrutura simbólica que reproduz o racismo é o cinema. Historicamente, há falta de representatividade dessa população nas produções audiovisuais e, quando há, a reprodução ocorre por meio de estereótipos: o homem negro sexualizado, comediante ou escudeiro do protagonista branco, e as mulheres negras servis, domésticas ou históricas. Essas representações se caracterizam como racismo.

Como foi dito anteriormente, as TICs são um conjunto de tecnologias integradas e que estão contribuindo para a transformação digital. Entretanto, no que tange ao racismo, os meios digitais têm se propagado da mesma forma que ocorre na vida *off-line*.

Para Jenkins, atualmente existe uma grande cultura da convergência. Portanto, além do cinema, na internet também é possível encontrar conteúdos audiovisuais que reproduzem o racismo. No trabalho *Linha do tempo do racismo algorítmico: casos, dados e reações*, o autor, Tarcízio Silva, expõe algumas dessas ocorrências, apresentadas nas figuras abaixo:

¹⁴Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em 28 abr. 2021.

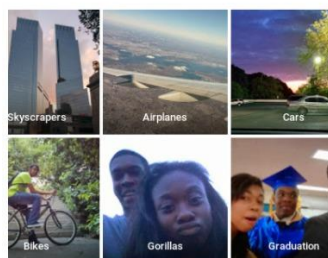


OUTUBRO 2013

BUSCA POR "GAROTAS NEGRAS" RESULTA EM CONTEÚDO PORNOGRÁFICO

Busca por 'garotas negras' resulta em conteúdo pornográfico. Trabalho de Safiya U. Noble reflete sobre hiper-visibilidade de associação do olhar pornográfico sobre garotas negras e latinas como um meio de torná-las ao mesmo tempo "invisíveis" em suas humanidade e complexidades.

FIGURA 1 — Busca por “garotas negras” resulta em conteúdo pornográfico



JULHO 2015

GOOGLEPHOTOS TAGGEOU PESSOAS NEGRAS COMO "GORILAS"

Desenvolvedor [Jacky Alcíné](#) denuncia que visão computacional do GooglePhotos marcou pessoas negras como 'gorilas', como reportado no [The Guardian](#)

FIGURA 2 — Google Photos taggeou pessoas negras como “gorilas”



MARÇO 2017

EXPERIMENTO MOSTRA INVISIBILIDADE NEGRA NOS BANCOS DE IMAGENS

Experimento da ONG Desabafo Social mostra invisibilidade negra nos bancos de imagens como Shutterstock, GettyImages, Depositphotos e outras

FIGURA 3 — Experimento mostra invisibilidade negra nos bancos de imagens



OUTUBRO 2019

BUSCAR "MULHER NEGRA DANDO AULA" NO GOOGLE LEVA À PORNOGRAFIA

Google mantém resultados hiper-pornográficos em buscas relacionadas a [mulheres negras](#)

FIGURA 4 — Buscar “mulher negra dando aula” no Google leva à pornografia
FONTE - SILVA, Tarcízio. Linha do Tempo do Racismo Algorítmico. **Blog do Tarcízio Silva**, 2020¹⁵

¹⁵Disponível em: <http://https://tarciziosilva.com.br/blog/posts/racismo-algoritmico-linha-do-tempo>
Acesso em: 1º fev. 2021

Posto que o audiovisual, aliado às mídias digitais, possui grande influência no imaginário coletivo brasileiro, são inquestionáveis as inúmeras consequências geradas no psicológico da população negra, sendo que o complexo de inferioridade é a primeira delas.

O cinema como mecanismo de construção de subjetividade e representação cultural, ao falhar em retratar costumes, histórias, músicas, linguagens negras, ou, pior, ao colocar os negros em situações subservientes ou de forma sexualizada, como visto anteriormente, reforça a perspectiva da inferioridade. Maya Angelou, em seu livro *Carta a minha filha*, exemplifica o conceito, de forma sucinta: “Eles começaram a ver sua vida depreciada e a se ver como pessoas sem importância”. Fanon afirma:

Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. (FANON, 2008, p.34)

Segundo Walter Benjamin (1940), a história é contada do ponto de vista dos vencedores, ou seja, dos brancos. Dessa forma, o indivíduo colonizado, que vê apenas imagens brancas, começa o segundo processo: a desvalorização de si. De maneira lenta e sutil, porém perversa, mais consequências aparecem; cria-se a crença de que as pessoas negras são feias, erradas, insuficientes, servis, animalizadas, violentas e desumanizadas. Fanon descreve que nesta fase desenvolvem-se as neuroses:

Fora algumas falhas sugeridas em ambientes fechados, podemos dizer que toda neurose, todo comportamento anormal, todo eretismo afetivo em um antilhano resulta da situação cultural. Em outras palavras, há uma constelação de dados, uma série de proposições que, lenta e sutilmente, graças às obras literárias, aos jornais, à educação, aos livros escolares, aos cartazes, ao cinema, à rádio, penetram no indivíduo – constituindo a visão do mundo da coletividade à qual ele pertence. (FANON, 2008, p. 135)

Inconscientemente, essas neuroses afetam os indivíduos negros durante toda a vida e, imersos em uma sociedade onde a vida próspera está sempre atrelada a não ser negro, cresce a terceira consequência: o desejo de ser branco.

As políticas de branqueamento da população entre 1888 a 1920 foram tão intensas que, mesmo atualmente, vemos as práticas internalizadas em âmbito

estrutural, familiar e individual.¹⁶ Alisar os cabelos, afinar o nariz e se afastar de práticas religiosas, vestimentas e acessórios característicos da cultura negra são alguns dos resultados da alienação provocada pelos padrões estéticos, culturais e comportamentais brancos e cristãos no audiovisual e nos meios digitais. Esse processo mina a autoestima do corpo e dos valores pretos. Neusa Santos descreve essa lógica:

Ele é um olhar que se volta em direção à experiência de ser-se negro numa sociedade branca. De estética e comportamentos brancos. De exigências e expectativas brancas. Este olhar se detém, particularmente, sobre a experiência emocional do negro que, vivendo nessa sociedade branca, responde positivamente ao apelo da ascensão social, o que implica na decisiva conquista de valores, status e prerrogativas brancos. (SOUZA, 2019, p. 17)

É importante ressaltar que, além das questões raciais, existem outros fatores que afetam parte da população negra. Alguns deles são gênero e classe. Por exemplo, mulheres negras, como Carolina Maria de Jesus, personagem protagonista de *O papel e o mar*, são marginalizadas devido ao racismo, machismo, sexismo e sua posição social. Essas violências sobrepostas são denominadas interseccionalidade, conceito criado por Kimberlé Crenshaw:

Da mesma forma, quando mulheres negras sofrem discriminação de gênero, iguais às sofridas pelas mulheres dominantes, deve ser protegidas, assim quando experimentam discriminações raciais que as brancas frequentemente não experimentam. Esse é o desafio da interseccionalidade. (CRENSHAW, 2004, p. 9)

Acima, foi indicada apenas uma parcela dos distúrbios aos quais a população negra brasileira está exposta e de que maneira a despreocupação com a inclusão de personagens negros de forma não estereotipada em produções audiovisuais de massa apenas colabora para a construção dessas e de outras neuroses.

3. Cinema Negro

O gênero cinematográfico classificado como *film noir* foi designado pela primeira vez pelo crítico de cinema e escritor francês Nino Frank ao se referir a filmes altamente violentos.

¹⁶Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/educacao/as-politicas-de-branqueamento-1888-1920-uma-reflexao-sobre-o-racismo-estrutural-brasileiro>. Acesso em: 5 dez. 2020.

Ao empregar essa denominação, no começo do século XX, Frank não imaginaria que se desenvolveria um cinema produzido por pessoas negras para pessoas negras comuns se sentirem representadas, como afirma Edileuza Souza (2013) ao se referir ao movimento *Race Movies* (filmes raciais), que começou a ser praticado nos Estados Unidos na década de 1920.

A Lincoln Picture Company existiu até 1921, tendo sido a primeira empresa de cinema a produzir filmes que retratam afro-estadunidenses como pessoas reais e não como caricaturas racistas. Como a Lincoln Picture Company, muitas outras empresas dirigidas por negros deixaram suas marcas em diversos filmes que, por seu histórico, temas, narrativas e estilos, são hoje cunhados como cinema negro americano, que trouxe para as telas histórias e vidas intimamente ligadas às questões sociais, políticas e econômicas da comunidade negra. Buscou romper as representações de negros e negras no cinema de Hollywood, “dando atenção ao conflito desigual entre os atores negros e os papéis estereotipados que lhe são oferecidos”. (SOUZA, 2013, p. 63)

Em sua tese, Edileuza apresenta que Antonio Santamarina (1999) elaborou um esquema cronológico sobre o *film noir*, desde a invenção do cinema até 1998.

TABELA 1
Evolução do *film noir*

Cronologia	Precursos e antecedentes
1912	Instalação do cinema sonoro
1930 a 1941	Primitivo cinema de gângsteres
1942 a 1960	Clássico cinema negro
1961 a 1980	O <i>thriller</i> moderno
1981 a 1998	Ficção criminal pós-moderno

FONTE - SANTAMARINA, A. **El cine negro em 100 películas**. Madrid: Alianza, 1999 apud SOUZA, 2013.

Apesar de o termo gênero estar caindo em desuso, ainda é uma forma utilizada comercialmente e para divulgação. Para este trabalho, cabe destacar que há mais de um século cineastas negros trabalham para apresentar produções audiovisuais que retratem pessoas negras com complexidade, fugindo dos estereótipos sistematicamente reproduzidos no cinema: a mãe negra acolhedora, a negra raivosa,

o negro cômico, o negro violento e atores brancos pintando o rosto de negro, prática denominada *black face*.

Nos Estados Unidos, a música negra, como o Jazz e o Blues, as cinebiografias de personalidades negras, as famílias, os romances e os relacionamentos inter-raciais foram subsídios para o movimento *Race Movies*. Naquele período, cabe destacar o trabalho do produtor e diretor Oscar Micheaux¹⁷, um dos maiores produtores do *Race Picture*, entre as décadas de 1920 e 1950.

Já na década de 1970, por conta de políticas de ações afirmativas na Universidade da Califórnia, um grupo de estudantes negros, influenciados pelo Cinema Novo no Brasil, a *Nouvelle Vague* e o cinema africano, começaram a produzir filmes inovadores que questionavam Hollywood. Esse movimento ficou conhecido como *L. A. Rebellion* e o objetivo era, mais uma vez, trazer a perspectiva negra para o centro das produções. Os principais diretores e roteiristas desse movimento foram Charles Burnett, Julie Dash, Billy Woodberry, Haile Gerima, Jamaa Fanaka, Alile Sharon Larkin.¹⁸

Dos anos 1980 até os dias atuais, Spike Lee¹⁹ tem sido um dos principais cineastas negros dos Estados Unidos. Em 2020, ganhou o Oscar pelo filme *Infiltrado na Klan*, com um discurso cobrando maior diversidade no cinema estadunidense.

¹⁷No auge da segregação racial nos Estados Unidos, Oscar Micheaux foi um pioneiro. Fez filmes com negros e para negros entre as décadas de 1920 e 1950. A maioria dos filmes de Oscar Micheaux, fossem mudos ou falados, confrontou as leis separatistas Jim Crow, dos estados sulistas dos EUA. Ele discutiu, também, por meio de suas obras, a ascensão social dos afro-estadunidenses. Fundamentalmente, seu objetivo era reverter a imagem negativa dos negros construída pelos brancos, e como ele mesmo disse: “elevar o nosso povo às maiores alturas”.

Disponível em: <https://www.memoriascinematograficas.com.br/2018/11/oscar-micheaux-o-primeiro-cineasta-negro.html>. Acesso em: 29 abr. 2021.

¹⁸Disponível em: <https://medium.com/revista-bravo/l-a-rebellion-em-s%C3%A3o-paulo-a22de3abd52d>. Acesso em: 1º maio 2021.

¹⁹Spike Lee é um dos cineastas afro-americanos mais populares da indústria cinematográfica estadunidense com destaque no cenário internacional. Iniciou sua carreira profissional com o longa *She's gotta have it* (1986) e continua produzindo, já tendo realizado mais de 40 filmes. Além de diretor, produtor e roteirista, Spike Lee, frequentemente, atua em seus próprios filmes. O conteúdo político e social está presente na maioria de seus filmes.

Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/21336>. Acesso em: 30 abr. 2021.

Atualmente, há muitos diretores negros nos Estados Unidos, com destaque para Barry Jenkins²⁰, Ava DuVernay²¹, Jordan Peele²², Ryan Coogler²³.

3.1 Cinema Negro no Brasil

No Brasil, a população negra padecia dos mesmos estereótipos nas produções audiovisuais que os afro-estadunidenses. As representações por meio de *black face*, mães negras amáveis como a Tia Anastácia do Sítio do Picapau Amarelo, homens negros violentos, preguiçosos e mulheres negras sexualizadas, são formas frequentes nos filmes brasileiros.

No que se refere ao cinema negro, essas representações são replicadas nos gêneros das chanchadas produzidos, principalmente, pela Companhia Cinematográfica Vera Cruz e a Atlântida Cinematográfica. Os filmes dessa época são marcados pelo baixo orçamento, caráter cômico-musical e representações estereotipadas do negro. Apesar de muito bons atores negros terem participado do movimento.

Segundo o historiador Rodrigues (2011), um inventário do cinema brasileiro de origem africana está sendo construído a cada dia, e podem surgir novidades, como a descoberta de uma fotografia, um herdeiro ou um depoimento revelador, que alterariam a cronologia atual, mas pode-se afirmar que, até o momento, as pesquisas indicam Cajado Filho como o primeiro cineasta negro brasileiro. Formado pela Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, dirigiu cinco longas-metragens nos anos 1940 e 1950: *Estou aí?*; *Todos por um*; *Falso detetive*; *E o espetáculo continua*; *Aí vem a*

²⁰Cineasta estadunidense que dirigiu os filmes *Medicine for melancholy* e *Moonlight*, os quais lhe renderam inúmeras indicações a prêmios importantes de cinema.

²¹Ava é diretora, roteirista, publicitária e distribuidora de filmes americana. Pelo seu trabalho em *Selma*, DuVernay foi a primeira diretora negra a ser nomeada para um Globo de Ouro, bem como a primeira diretora negra a ter seu filme nomeado para o Oscar de Melhor Filme.

²²Ator e cineasta mais que dirigiu *Get Out*, cujo roteiro lhe rendeu um Oscar de melhor roteiro original em 2018, tornando-o o primeiro negro a receber o prêmio na categoria.

²³Diretor de cinema e roteirista. Seu primeiro longa-metragem, lançado em 2013, *Fruitvale Station: a última parada*, recebeu diversos prêmios. Também escreveu e dirigiu o sétimo filme da saga *Rocky*, *Creed* (2015). Em 2016, foi anunciado pela Marvel como diretor do filme *Pantera Negra*. Os filmes de Coogler receberam aclamação da crítica e sucesso comercial significativos. Em 2013, ele foi incluído na lista da Time das 30 pessoas com menos de 30 anos que estão mudando o mundo.

alegria. Também trabalhou como cenógrafo – *Amei um bicheiro* e *Boca de ouro* – e como roteirista – *O petróleo é nosso*; *De vento em popa*; e *O homem do Sputnik*.

No entanto, a partir dos anos de 1960, o Cinema Novo se consolida no país. Dessa vez, os produtores buscaram realizar obras mais sofisticadas e engajadas politicamente. Desde a década de 1950, os filmes *Rio*, *40 graus* (1955) e *Rio, Zona Norte* (1957), ambos de Nelson Pereira dos Santos, já apresentavam avanços significativos, afinal, os dois filmes são de referência cultural, com posicionamentos políticos importantes para a época. O foco das narrativas não se concentra em estereótipos, o que causa reflexão popular, apesar de que a participação dos negros na indústria cinematográfica, de modo geral, ainda fosse limitada.

É fundamental notar que, durante anos, o cinema tradicional serviu para difundir o eurocentrismo e os estereótipos. Já o trabalho dos cineastas negros tem possibilitado uma nova visão de mundo, seus filmes são veículos de combate ao racismo e aos preconceitos; suas produções promovem e ampliam a história e a cultura negra.

Alguns atores negros que trabalharam no Cinema Novo também incursionaram pela direção. Um deles foi Zózimo Bulbul. Seu filme de maior destaque é *Alma no olho* (1974), uma reflexão sobre vinda dos africanos para a diáspora, com trilha sonora de John Coltrane. Zózimo também realizou os curtas *Artesanato do samba* (1974), *Dia de alforria?* (1980) e o longa *Abolição* (1988), todos caracterizados pela temática da valorização da cultura negra, da herança africana e pelo combate ao racismo. Os pioneiros na história do cinema negro no Brasil se somam aos nomes que têm construído os caminhos para uma estética própria do sujeito negro que filma e é filmado.

Seus filmes reafirmam o conceito sobre Cinema Negro, não apenas como uma produção de cinema com a temática negra, o que até pouco tempo já era suficiente para ostentar o título de Cinema Negro. Edileuza afirma que “A possibilidade de produzir um filme fincado no conceito de diversidade é determinante para construir uma educação plural e democrática”. Essa construção já data de aproximadamente um século, e esse histórico é de extrema importância para se entender o que acontece nos dias de hoje.

A primeira mulher negra cineasta no Brasil de que se tem notícia foi Adélia Sampaio. Uma das poucas mulheres que chegaram à direção de longas de ficção nos anos 1980, Adélia dirigiu quatro curtas: *Denúncia vazia*; *Agora um deus dança em mim*; *Adulto não brinca*; e *Na poeira das ruas*. Em 1984, ela dirige seu único longa: *Amor maldito*.

No final dos anos 1990, ocorre o movimento liderado pelo cineasta Jeferson De, chamado Dogma Feijoada. Parodiando o Dogma 95, do cineasta Lars Von Trier, o manifesto reivindicava:

- 1) o filme tem de ser dirigido por um realizador negro;
- 2) o protagonista deve ser negro;
- 3) a temática do filme tem de estar relacionada com a cultura negra brasileira;
- 4) o filme tem de ter um cronograma exequível;
- 5) personagens estereotipados, negros ou não, estão proibidos;
- 6) o roteiro deverá privilegiar o negro comum brasileiro;
- 7) super-heróis ou bandidos deverão ser evitados (CARVALHO, 2005, p. 96)

Na verdade, o Dogma Feijoada abriu a discussão sobre um cinema brasileiro feito por negros, criando uma agenda mínima para pensar um cinema negro brasileiro. Em 2001, no 5º Festival de Cinema do Recife, surge o Manifesto do Recife, de caráter prescritivo e mais politizado que o Dogma Feijoada: “o manifesto reivindicava maior participação dos afro-brasileiros não apenas no cinema, mas em todas as esferas da produção audiovisual” (CARVALHO, no prelo). No manifesto, cineastas e atores exigiam:

- 1) o fim da segregação a que são submetidos os atores, atrizes, apresentadores e jornalistas negros nas produtoras, agências de publicidade e emissoras de televisão;
- 2) a criação de um fundo para o incentivo de uma produção audiovisual multirracial no Brasil;
- 3) a ampliação do mercado de trabalho para atrizes, atores, técnicos, produtores, diretores e roteiristas afrodescendentes.

- 4) a criação de uma nova estética para o Brasil que valorizasse a diversidade e a pluralidade étnica, regional e religiosa da população brasileira (CARVALHO, 2005, p. 98-99).

Do início dos anos 2000 para cá, vem se ampliando o número de cineastas, produtoras e roteiristas negros e negras, como Juliana Vicente, Viviane Ferreira, Lázaro Ramos, Rosza Filmes e Filmes de Plástico. Vários participam de festivais de cinema negro²⁴, dando visibilidade ao audiovisual negro brasileiro e contribuindo para uma pluralidade de narrativas como as obras que serão analisados neste artigo: os curtas nacionais *O papel e o mar*, *Cores e botas*, *KBELA* e o curta estadunidense *Hair love*.

4. Curtas-metragens: as novas narrativas

O cinema brasileiro carrega em si uma história de representações racistas, de invisibilidade e psicologicamente prejudiciais para a população negra. No entanto, nos últimos anos, é notório o aumento de produções audiovisuais com abordagens inclusivas e não estereotipadas de protagonistas de grupos historicamente marginalizados, entre eles: as mulheres, os negros, as pessoas com deficiência e a comunidade LGBTQIA+.

Um exemplo incontestável foi *Pantera Negra*, desenvolvido pela Marvel Studios, em 2018. Apesar das consideráveis problemáticas²⁵ que envolvem a produção de um filme com protagonistas negros e uma equipe cinematográfica

²⁴Martha's Vineyard African American Film Festival, Afrofuturism Film Festival, New York African Film Festival, Hip Hop Film Festival – Nova Iorque, Estados Unidos; Newark Black Film Festival, AfricanAmerican Film Festival Releasing Movement, American Black Film Festival, Pan African Festival, Hollywood Black Film Festival – Estados Unidos; Encontro de Cinema Negro Brasil, África e Caribe Zózimo Bulbul – Rio de Janeiro, Brasil; Festival Panafricano de Cinema e Televisão de Ouagadougou – Burkina Faso; Plateau Festival Internacional de Cinema da Praia – Cabo Verde; Festival du Film Nigerian, Nollywood Week – Paris, França; Imagens of Black Women Film Festival – Londres, Reino Unido. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/21336>. Acesso em: 30 abr. 2021.

²⁵Wakanda, país onde a narrativa é construída, é uma monarquia absolutista. As tecnologias e os bens naturais são escondidos do resto do mundo. E, por fim, a linguagem cinematográfica é “estrutura de blockbuster”. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/pantera-negra-critica> e <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2018/02/por-que-o-filme-pantera-negra-incomoda-tanta-gente.shtml>. Acesso em: 27 abr. 2020.

branca, não se pode negar a influência, importância e representatividade gerada por um filme de super-heróis negros, em uma indústria branca. Apesar de lento, é visível o aumento de conteúdos audiovisuais voltados para a temática negra. O cineasta e pesquisador Joel Zito Araújo, diretor do documentário *A negação do Brasil*, afirma, em entrevista: “continuamos minoritários e sendo tratados como minoria, mas existe um evidente crescimento e reconhecimento”.²⁶

É essencial perceber a relação dinâmica entre o aumento de filmes e séries²⁷ que abordam questões raciais e as novas demandas sociais, com consumidores atentos, conectados, exigentes e engajados politicamente.

Além do cinema, essa expansão e modificações atingem outras mídias e veículos. Em 2005, o YouTube foi lançado e, atualmente, é o segundo site mais acessado do mundo, ficando atrás apenas do Google, de acordo com o ranking Alexa 2019²⁸. A plataforma deu oportunidade para produções e artistas independentes mostrarem seus trabalhos gratuitamente e com possibilidade de monetização. Como resultado, existe uma pluralidade de vídeos dos mais diversos ramos, conteúdos, nacionalidades e narrativas.

Portanto, na perspectiva de evidenciar essas novas produções, com ampla multiplicidade e complexidade nos papéis representados pelos atores negros, será explorado como as obras audiovisuais com enfoque na temática racial negra têm ganhado força, e de que maneira o espaço digital acaba se tornando um espaço de divulgação e democratização dessas produções e debates. O foco serão os curtas nacionais *O papel e o mar*, *Cores e botas*, *KBELA* e o curta estadunidense *Hair love*, todos disponíveis de forma gratuita na plataforma YouTube.

O papel e o mar, curta-metragem produzido pela Lapilar Produções Artísticas e dirigido por Luiz Antônio Pilar em 2010, narra um encontro fictício entre Carolina Maria de Jesus e João Cândido, no Rio de Janeiro. Carolina obteve pouca escolarização formal durante a vida; não obstante, tornou-se leitora e escritora em um

²⁶Disponível em: <https://baoba.org.br/a-presenca-negra-na-producao-cinematografica-do-brasil/>. Acesso em: 7 dez. 2020.

²⁷*Soul*, *A 13ª Emenda*, *Moonlight*, *Olhos que conderam*, *Que horas que ela volta*, *Blackish*, *Corra!*, *Cara gente branca*, *Estrelas além do tempo*, *Histórias cruzadas*, *A voz suprema do blues*, *Them*.

²⁸Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/estatisticas-do-youtube/>. Acesso em: 7 dez. 2020.

contexto improvável: a favela do Canindé, em São Paulo. Atualmente, é considerada uma das primeiras e mais relevantes escritoras negras do Brasil.²⁹

João Cândido Felisberto, por sua vez, filho de escravos, nunca obteve educação formal. Nasceu no Rio Grande do Sul e, com apenas 14 anos, ingressou na Marinha. Em 1910, João Cândido, conhecido como Almirante Negro, liderou um motim de marinheiros contra os castigos físicos exercidos pela mesma instituição; o movimento ficou conhecido como a Revolta da Chibata.³⁰

Quando querem se livrar dos papéis e das latas velhas, mandam para o lixão, quando querem se livrar das pessoas que incomodam, mandam para a favela, o quarto de despejo da humanidade.³¹

A obra contribui imensamente para a desvinculação dos típicos estereótipos associados aos negros no audiovisual brasileiro, pois rompe com o desconhecimento de Carolina Maria de Jesus e João Cândido, figuras negras de extrema importância para a História do Brasil e que são invisibilizadas na Historiografia tradicional. Por meio da linguagem cinematográfica e da divulgação no YouTube, o grande público pode acessar este curta, o que amplia e contribui com o debate acerca das questões raciais. A importância da linguagem fica evidente neste trecho de Fanon, que se mantém atual até hoje:

Atribuímos uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem. É por esta razão que julgamos necessário este estudo, que pode nos fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão para-o-outro do homem de cor. Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro. (FANON, 2008, p. 33)

O filme, que possui duração de 13 minutos, já conta com mais de 62 mil visualizações e 92 comentários. Além disso, o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, escrito por Carolina, foi traduzido para 13 línguas e distribuído para mais de 40 países.

No mesmo ano, 2010, a Preta Portê Filmes lança *Cores e botas*, curta-metragem de duração de 15 minutos, escrito e dirigido por Juliana Vicente. A narrativa

²⁹Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 1º dez. 2020.

³⁰Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50680851> e <http://www.palmares.gov.br/?p=24839#:~:text=Hoje%2C%20a%20Revolta%20da%20chibata,e%20alista%2Dse%20na%20Marinha>. Acesso em: 2 dez. 2020.

³¹Trecho do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, adaptado ao curta-metragem.

se passa na década de 1980, época na qual a televisão e, em especial, os canais abertos faziam parte da cultura brasileira, porém era evidente a falta de representatividade de raça, principalmente entre as Paquitas, grupo de dança do programa da Xuxa entre os anos de 1980 e 1990.

A trama conta a história de Joana, uma menina negra que tem o sonho de ser Paqueta. Algumas falas, como “Você não tem cara de Paqueta” e “Será que vamos ter uma Paqueta exótica?”, fazem-na perceber que não se encaixa nos padrões estéticos necessários. Assim, Joana inicia um processo de “embranquecimento” e procura por aceitação ao tentar pintar os cabelos de loiro.

Por sua vez, *Cores e botas* é significativo no sentido de denunciar os preconceitos, padrões estéticos e estruturas racistas vigentes nos meios comunicacionais da sociedade brasileira na década de 1980.

Joana vive, percebe e sente inúmeras barreiras desde a infância e logo apresenta complexo de inferioridade e vontade de ser branca durante a narrativa, processos esses descritos anteriormente por Fanon e Neusa Santos. A produção audiovisual possui mais de 200 mil visualizações, foi apresentada em mais de 30 festivais e ganhou 7 prêmios, entre nacionais e internacionais.

Em consonância com os outros curtas, *KBELA*, dirigido por Yasmin Thayná, engloba a perspectiva do racismo cotidiano que mulheres negras sofrem em virtude de seus cabelos, corpos e crenças. No entanto, a obra ressalta a possibilidade do amor próprio, do empoderamento, da exaltação do corpo, da estética e da cultura afro, do respeito pela ancestralidade, e, por fim, a aceitação como forma de resistência.

Além disso, *KBELA* foi produzido devido ao financiamento coletivo na internet com o apoio de 117 pessoas, em 2015, enfatizando novamente a influência e o poder do espaço digital. O curta recebeu 6 prêmios, possui mais de 60 mil visualizações e 82 comentários na plataforma YouTube.

Por fim, *Hair love*, curta-metragem de apenas 7 minutos, de Matthew A. Cherry, conta a história de uma pai afro-americano que se dedica a cuidar do cabelo de sua filha Zuri pela primeira vez e encontra múltiplas dificuldades. A produção se destaca pela humanização dos personagens negros por meio do afeto e do amor próprio.

Ademais, é interessante perceber a preocupação em demonstrar a diversidade de penteados afro, indo contra os padrões hegemônicos, evidenciando novos padrões de beleza. *Hair love* tem mais de 65 milhões de visualizações e 82 mil comentários no YouTube. A obra venceu o Oscar na categoria Melhor Curta de Animação.

Além da quantidade de filmes e séries em ascensão, é notório o crescimento e importância de diretores negros no audiovisual. Todos os diretores mencionados são negros e exercem grande função em posição de autoridade frente à sociedade. Como foi apresentado também, o número de visualizações e os diversos prêmios ganhados deixam nítidos o alcance e a relevância desses curtas-metragens, porém os comentários revelam como a sociedade desconhece as teorias, narrativas e epistemologias negras ao fazerem os comentários. Jenkins denomina esse processo como cultura participativa:

À medida que cidadãos adquirem a capacidade de causar um impacto significativo no fluxo de ideias, essas novas formas de cultura participativa mudam o modo como vemos a nós mesmos (“através de novos olhos – olhos de quem realmente pode interpor um pensamento ou uma preocupação no debate público”) e como vemos a sociedade (sujeita à transformação como resultado de nossas deliberações). (JENKINS, 2015, p. 362)

5. Análises e categorias

O método Análise de Conteúdo, segundo Bardin (1977), pode ser dividido em cinco etapas principais: organização da análise, codificação, categorização, inferência e tratamento informático. No caso do objeto desse *corpus*, a organização da análise se deu pela criação de categorias transversais aos quatro curtas em comento.

A classificação foi possível por meio da comparação entre as narrativas e os comentários postados pelos espectadores no YouTube e, no caso de *Cores e Botas*, no Instagram e no site oficial da produtora. Em seguida, as categorias foram criadas. Para Bardin, categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns desses elementos.

As categorias são criadas por meio de inferências, que são os aspectos implícitos na mensagem e que podem revelar as condições de produção, as variáveis sociais, econômicas e culturais, considerando a mensagem propriamente dita, para designar a indução a partir dos fatos. “Qualquer análise de conteúdo deve passar pela análise da própria mensagem” (BARDIN, 1977, p. 134), pois só dessa forma é possível compreender os valores, os mitos, as intenções que estão por trás daquela mensagem.

Dessa forma, foram criadas as seguintes categorias: visibilidade, representatividade e valorização da estética negra. As categorias são encontradas na estrutura narrativa das quatro produções, e os comentários³² dos internautas seguem as mesmas características.

A categoria Visibilidade tem por objetivo explicitar os aspectos positivos em ser negro, sobre a história da população negra, dos heróis negros, sobre a resistência do povo negro contra os estereótipos, silenciamento e invisibilidade histórica deste grupo na produção audiovisual tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Confira na tabela 2 os comentários que se relacionam com esta categoria.

TABELA 2
Visibilidade

	Visibilidade
<i>O papel e o mar</i>	“Sem palavras... Muito lindo!. Se me permitem, vou usar em sala, com meus alunos da EJA. Não é à toa que eles nunca ouviram falar da Carolina, de João Cândido, do Bullbul, de Abdias do Nascimento...” “Virou enredo de escola de samba , nada mais que justo . 🍌🍌🍌” “Assisti em lágrimas, dois heróis que trabalham contra o silenciamento do povo negro.” “Estou lendo O quarto de despejo e totalmente por acaso caí aqui. Que sorte a minha! 😊” “Emocionante,vibrante a interpretação dos atores do filme. Merecedor de

³²Os comentários a seguir foram mantidos em sua forma original, traduzindo a melhor percepção de cada espectador.

	premiação. Uma história viva jamais ser esquecida.”
Cores e botas	“Já assistiu? Acho que vc e a Clarinha vão adorar!” “Eu amo tanto esse filme meu marido passou para os alunos dele.” “E a xuxa continua achando que não tem responsabilidade sobre esse fato”
KBELA	“Meu deus que coisa mais lindaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa! que presente ! eu sigo resistindo obrigada” “Parabéns pelo trabalho. Que atinja nossas mulheres e crianças ❤️” “Que trabalho lindo, sensível e importante, parabéns a todos os envolvidos e muito obrigada!! Por mais produções pretas no audiovisual brasileiro!!” “Essa produção certamente é uma referência pra minha vida! Parabéns a todxs envolvidos!!! Uma obra prima do audiovisual brasileiro!”
Hair love	“Thanks for the short clip of a all black animation this is really rare 🐾🐾🐾🐾🐾”³³ “In less than seven minutes, the film illustrates a story to bring awareness about the diversity of hair and how hair is one of the most defining characteristics of a person which should be valued and appreciated through society. Apart from this, Zuri (daughter) also conveys that everyone should not be ashamed of their physical appearance as she does with her mother. The film truly is a loving and inspirational story.”³⁴

A categoria Representatividade trata do quanto, ao se ver em um personagem, a pessoa negra desenvolve empatia, identificação e sentimento de pertencimento por se ver retratada em uma dessas produções audiovisuais. Na tabela 3, seguem os comentários da categoria Representatividade.

TABELA 3
Representatividade

	Representatividade
O papel e o mar	“Dois bravos heróis que representam o Brasil.”

³³Tradução livre: “Obrigado pelo curta-metragem de uma animação toda de pessoas negras, isso é muito raro”.

³⁴Tradução livre: “Em menos de sete minutos, o filme ilustra uma história de conscientização sobre a diversidade do cabelo e como o cabelo é uma das características mais marcantes de uma pessoa que deve ser valorizada e apreciada pela sociedade. Além disso, Zuri (filha) também transmite que ninguém deve se envergonhar de sua aparência física como ela faz com sua mãe. O filme é realmente uma história amorosa e inspiradora.”.

	“Que maravilhoso esse vídeo, João Cândido sempre será lembrado por nós marujos.” “Eu simplesmente chorei! Meus alunos vão fazer uma pequena apresentação sobre Carolina e penso que este vídeo com o encontro fictício com João Cândido contribuirá em nossas reflexões. Obrigada por compartilhar!”
Cores e botas	“Lindo D+!!! Chorei... e lembrei muito da minha infância... *-” “Esse filme é tão maravilhoso e significativo para mim. É um dos meus curtas favoritos, indiquei no meu canal e chorei tanto... Mas tanto falando sobre ele, me vendo nele”
KBELA	“Algum projeto com crianças? Sou professora de educação infantil e estou em busca de materiais "reais", encontro muitas histórias e tenho trabalhados registros em desenho, etc, mas gostaria de uma identificação com pessoas reais sabem?” “Sou imensamente grata por ter tido acesso a este esplendoroso trabalho. Adupe!!!”
Hair love	“I am so related to this film. My hair is so curly, that's takes at last 30 to just untangled it. But I still think that's my hair is real pretty and there is someone out there want to have hair like me. This film is so amazing. What a beautiful way to say love your own beautiful, natural hair.”³⁵ “As a person with naturally curly hair, this really spoke to me.”³⁶ “OMG I CAN RELATE TO THIS LITTLE GIRL SO MUCHHHH”³⁷

A categoria Valorização da Estética Negra evidencia aspectos da identidade, cultura, das características fenotípicas da população negra que são destaque nas narrativas e que também foram comentadas pelas pessoas no YouTube.

TABELA 4
Valorização da estética negra

	Valorização da estética negra
--	--------------------------------------

³⁵ Tradução livre: “Estou muito representada por este filme. Meu cabelo é tão encaracolado que leva 30 para apenas desembaraçá-lo. Mas ainda acho que meu cabelo é muito bonito e há alguém aí que quer ter um cabelo como o meu. Este filme é tão incrível. Que bela maneira de dizer ame seu próprio cabelo lindo e natural”.

³⁶ Tradução livre: “Como uma pessoa com cabelo naturalmente cacheado, isso realmente me representa.”.

³⁷ Tradução livre: “OMG, POSSO ME IDENTIFICAR TANTO COM ESTA MENINA”

O papel e o mar	“Filme poético, um roteiro bem bacana! João Cândido era bordador também! Assim como, o Bispo do Rosário, outro marinheiro!” “Que lindo! Bela produção.”
Cores e botas	“Sim já assisti e curti muito ela ser quem ela é e se amar cada vez mais” “Alguém produz esta paqueta linda, por favor!”
KBELA	“Maravilhoso! Vou usar na minha aula de história sobre identidade cultural <3” “Que magnífico. Me identifiquei demais. Passei tanta coisa no meu cabelo, pois o achava feio. Por mais que tentasse achar o contrário, a sociedade não permitia. Mas me libertei. Hoje ele é crespo simmm e lindo. Parabéns. Amei também as mulheres lindas dançando no fim do documentário. É isso aí, Yasmin Thayná.”
Hair love	“I literally cried watching this, am not African decedent , am South Indian , and I have 3C curls. My classmates compared my hair to broomstick and loofah even during my graduating years and I cried everyday untill my Masters, only now after free internet in India I started watching YouTube vlogs of africans and African American sisters on haircare and get to know the value of my hair. Nobody knows the hardship and pressure I faced with my hair in the society full of people with waist length straight hair... And 3c and 4c curls are not a little thing. Anyways I really appreciate all the hair care vloggers who motivated me, and my hair is PRIDE ❤️ (Thanks for the compassion towards my story 😊😊)”³⁸ “I'm really pleased with this it shows you are unbeatable with courage and confidence and your beautiful inside and out. I really hope all of you love yourself no matter what the consequence is because I wanna say to everyone reading this comment you are unique and beautiful in your own way ❤️ You all are special ❤️”³⁹

³⁸Tradução livre: “Eu literalmente chorei vendo isso, não sou descendente de africano, sou do sul da Índia e tenho cachos 3c. Meus colegas comparavam meu cabelo a um cabo de vassoura e bucha mesmo durante meus anos de graduação e eu chorei todos os dias até meu mestrado, só que agora, depois da internet gratuita na Índia, comecei a assistir a vlogs no YouTube de africanos e irmãs afro-americanas sobre cuidados com os cabelos e comecei a saber o valor do meu cabelo. Ninguém sabe as dificuldades e a pressão que enfrentei com meu cabelo em uma sociedade cheia de pessoas com cabelos lisos na altura da cintura... E os cachos 3c e 4c não são pouca coisa. De qualquer forma, eu realmente aprecio todos os vloggers de cuidados com os cabelos que me motivaram, e meu cabelo é ORGULHO (Obrigado pela compaixão com a minha história)”.

³⁹Tradução livre: “Estou muito feliz com isso, pois mostra que você é imbatível com coragem e confiança e que é linda por dentro e por fora. Eu realmente espero que todos vocês se amem, não importa quais sejam as consequências, porque eu quero dizer a todos que estão lendo este comentário que vocês são únicos e bonitos do seu próprio jeito. Vocês todos são especiais”.

Considerações Finais

O audiovisual que respeita a população negra oferece novas histórias e possibilidades de existir. O processo de conexões e análises dos curtas-metragens como *O papel e o mar*, *Cores e botas*, *KBELA* e *Hair love* contribuem positivamente, de forma tanto individual quanto coletiva, para a população negra.

O resgate histórico e a representação real dos personagens corroboram para a construção de um imaginário individual e coletivo onde o preto é valorizado, rompendo com os estereótipos históricos que acompanham o povo negro desde o cinema novo e durante todo o século XX.

Assim, quando é possível se ver com uma visibilidade positiva, com uma representação plural e como valorização da estética negra, a população negra se enxerga e se sente representada nessas novas narrativas, gerando um novo processo: a autoaceitação.

As produções audiovisuais se tornam mecanismos de empoderamento. No âmbito pessoal, colabora para a formação de uma autoestima, visto que projeta negros em posições de prestígio na sociedade, tais como atores, personagens e diretores. Contribui também na construção de subjetividade e personalidade, posto que os personagens retratados possuem pensamentos característicos e comportamentos variados entre si.

Da mesma forma, ao pensar nos benefícios coletivos, as obras enaltecem a identidade, a cultura, a estética e a história negra. Como consequência, há a solidificação da comunidade e o sentimento de pertencimento. Logo, a situação passa a ser um ciclo: a comunidade encoraja o indivíduo, e o indivíduo fortalece a comunidade. Maya Angelou descreve: “Muitos se sentem felizes, mesmo sem serem capazes de explicar sua emoção. Acredito que seja só porque se sentem importantes de forma geral”.

Referências

- ANGELOU, Maya. **Carta a minha filha**. Rio de Janeiro: Agir, 2019.
- BENJAMIN, Walter. **Teses sobre o conceito da história**. São Paulo: Obras escolhidas, 1940.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre colonialismo**. Florianópolis: Insular, 2009.
- CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.
- DE CARVALHO, José Jorge. **Racismo fenotípico e estéticas da segunda pele**. Brasília, 2008.
- DE JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2005.
- DE OLIVEIRA, Maíra Zenun. **O papel e o mar: sobre as histórias que não nos contam dos personagens negros da nossa história**. Revista Eixo 3.2, 2014.
- DURÃO, Gustavo de Andrade. **A construção da negritude: a formação da identidade do intelectual através da experiência de Léopold Sédar Senghor (1920-1945)**. Campinas, 2011.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: UDFBA, 2008.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz – Companhia das Letras, 2020.
- HABERMAS, Jürgen; MCCARTHY, Thomas. **A teoria da ação comunicativa**. Boston: Beacon Press, 1984.
- QUIJANO, Aníbal. **Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina**. Estudos avançados. Lima, 2005.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano**. Porto Alegre: Revista Famecos, 2003.
- SILVA, Tarcízio. Linha do Tempo do Racismo Algorítmico. **Blog do Tarcízio Silva**. São Paulo, 2020.
- SOUZA, Edileuza Penha de. **Cinema na panela de barro: mulheres negras, narrativas de amor, afeto e identidade**. Brasília, 2013.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: LeBooks, 2019.